

# A CONSTITUIÇÃO DO SENTIR-SE PROFESSOR E A INTEIREZA DE SI: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

---

**FELIPE DA COSTA NEGRÃO**

Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [felipenegrao@ufam.edu.br](mailto:felipenegrao@ufam.edu.br)

## RESUMO

O texto aduz acerca da constituição da docência por intermédio de narrativas (auto)biográficas, evidenciando reflexões sobre as atitudes próprias, bem como as ações que encorajam e impulsionam o desenvolvimento de uma postura autônoma, coerente e significativa do sentir-se professor. Portanto, expressar como se dá a constituição do sentir-se professor contribui para que diferentes acadêmicos compreendam a profissão para além de uma visão romantizada e reducionista, de modo que a prática de narrar/contar sobre si deve ser recorrente e indicada frente ao desafio de formar-se e autoformar-se cotidianamente. O texto está construído a partir da interação com os conceitos de ipseidade, resiliência, autoformação e pesquisa-formação – experienciados durante a disciplina “Contributos da abordagem (auto)biográfica para a pesquisa-formação” do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM).

**Palavras-chave:** Narrativas (auto)biográficas, pesquisa narrativa, autoformação.

## A ESCRITA DE SI: DO DESCONFORTO AO EMPODERAMENTO

*A vida me mostrou que é pouco o que eu sei.  
Eu abro a porta pro que eu não perguntei,  
E assim eu vou procurando nos meus sonhos,  
Descobrimo quem realmente eu sou.  
Inventando um caminho,  
Libertando quem realmente eu sou.  
(Sandy Leah, 2010)*

**T**raçar narrativas (auto)biográficas a partir de questões norteadoras no contexto da disciplina “Contributos da abordagem (auto)biográfica para a pesquisa-formação” do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM) demarcou o início do desafio de ser ator-autor da própria história, uma vez que a escrita de si é um movimento de delícias e dissabores (NEGRÃO, 2021).

O convite à autorreflexão gera dúvida, desconforto e incerteza, mas também traz consigo a possibilidade de pausar as atividades inacabáveis do cotidiano, silenciar vozes externas para então se ouvir, em uma dinâmica de introspecção a fim de gerar um ensaio ou talvez um recorte daquilo que se pensa sobre si mesmo.

O trabalho biográfico compõe o processo formativo, visto que dá sentido às nossas ações, contribuindo na descoberta da origem daquilo que somos atualmente. É uma atividade formadora que emerge no questionamento sobre si e as relações que mantemos com o meio que nos cerca. Nesse sentido, o auto-relato é um encontro entre a intimidade do indivíduo e sua trajetória histórica, social e cultural, uma vez que ao se tornar narrativa, a biografia compreende-se como um espaço de renegociação e reinvenção da própria identidade (CARVALHO, 2003).

A imersão no “conhecimento de si” evidencia um exercício de rememorar experiências e aprendizagens vividas ao longo de minha trajetória pessoal e profissional. Tais memórias e vivências confrontam-me e (e)levam-me a reflexão sobre a própria história narrada, permitindo novos arranjos e formas de pensar sobre o vivido (SOUZA, 2006).

O ato de narrar é conduzido pela reconstituição do que considero significativo para revelar e compreender o que hoje me tornei em relação as

competências, intencionalidades, objetivos, projeto de vida, valores e significâncias sobre mim e sobre os outros (JOSSO, 2010). Em contexto de narrativas (auto)biográficas, a autoria de si denota a singularidade do indivíduo que conta sua história a partir de lembranças, efetuando reflexões e inferências a fim de compreender a si mesmo, gerando resultados de auto-conhecimento, planejamento da própria vida e empoderamento.

Monteagudo (2011) apresenta sete camadas do nosso eu<sup>1</sup>, referindo-se às diversas facetas que podemos assumir em uma única vida-trajetória. Nesse texto, proponho a narrar sobre o meu “eu desconfortável” a fim de torná-lo um “eu empoderado”, habilitado momentaneamente para contribuir com/para outros. Para isso, há que se contar/narrar muitas coisas, desvelar baús internos e recuperar memórias perdidas. Ao mesmo tempo, é necessário se movimentar frente ao presente, construindo narrativas a partir das vivências, mas de mesmo modo, desenvolvendo novas experiências ao pensar e refletir sobre o passado.

O ponto de partida, então, é rememorar situações de autoria em diferentes fases da vida, intencionalmente, para evocar um “eu autor” que até o contato com as leituras da disciplina supracitada, estava adormecido em memórias. O “caminhar para si” através da perspectiva (auto)biográfica permite diferentes significações a partir da prática de reflexão e autoavaliação das experiências ao longo da vida (JOSSO, 2002).

O ato de narrar sobre si ou sobre a vida de outros esteve presente em boa parte de minha infância por meio de Acam - personagem criado coletivamente entre amigos do Ensino Fundamental I. Os quadrinhos rabiscados em folhas de caderno narravam o cotidiano de um super-herói, responsável por salvar o mundo dos vilões mais perversos da humanidade, descritos, discutidos e planejados em longas conversas nos intervalos e até durante as aulas da terceira e quarta-série.

A escrita coletiva nos permitia ressignificar ideias, pois havia entre nós, um consenso de que o personagem era escrito a seis mãos, preocupados, ainda que involuntariamente, com a coerência das histórias, dialogando e verbalizando opiniões, mesmo aquelas mais divergentes. Repensando essa prática hoje, percebo que a experiência de escrever coletivamente

---

1 Os tipos de eu são: contado, oculto, secreto, percebido pelos outros, desejado, público e reconstruído (MONTEAGUDO, 2011, p. 76).

desenvolveu, de certo modo, o conceito de parceria, respeito e dialogicidade, características que são essenciais para o exercício do magistério, por exemplo.

Outro momento de autoria, no qual guardo na memória com muita presencialidade é o ato de reescrita, ou talvez, escrita baseada em evidências. Na adolescência, em um movimento mais solitário, exercitava a escrita por meio da adaptação de telenovelas. A rotina de preparação das adaptações dava-se ao assistir todas as telenovelas possíveis, do início da tarde até a minissérie no fim da noite, com a intenção de “ler” a obra por meio da atuação dos atores e atrizes. Os primeiros rabiscos floresciam no anúncio de uma nova telenovela, por meio da curiosidade, em que me direcionava até uma banca de revistas a fim de ter acesso a sinopse da história. A partir da descrição de cada personagem, a escrita da trama era realizada em folhas de caderno, registrando uma versão reduzida daquela obra aberta, que na época, ocupava, pelo menos, oito meses na grade da TV aberta.

Lembro-me de redigir os diálogos com base na sinopse e projetar a história com início, meio e fim, tal como aprendi com alguma professora de língua portuguesa no Ensino Fundamental I. No auge da inexperiência e ausência de contato com o universo da dramaturgia, a história tinha pouco mais de cinquenta páginas, grampeadas e com uma capa bem caseira, desenhada com pincéis coloridos. O processo de escrita permitia dialogar com outros eu, posto que a escrita de um texto desse tipo carrega muito do autor, aquilo que acredita, experienciou ou acompanhou alguém experimentar. Um detalhe que, por vezes, situações previstas em meus textos, se assemelhavam às situações expostas na obra original.

Com o passar do tempo, a conquista do primeiro computador possibilitou o desenvolvimento de histórias originais. Antes do advento da internet, minha diversão era contar histórias, utilizando experiências e conversas informais, inclusive, usando o nome dos próprios amigos para ilustrar personagens, externando na escrita aquilo que todos nós desejávamos viver na vida. Na época, era apenas brincadeira de adolescente e pauta de rodas de conversa, pois compartilhava com as amigas a leitura dos capítulos, recebendo interferências externas, quando algo estava fora da linha para elas.

No exercício de construção desse texto, revisei os escritos de “Faces do destino” e “No limite da paixão”, arquivadas em HD, que resguardam a lembrança de um período da vida em que os desafios se resumiam à projeção de um final feliz para cada amigo, na torcida para que o destino se preocupasse em realizar cada desejo na vida real. Ao percorrer as páginas

desses escritos, pude identificar o “eu desejado” da época, sendo um ser liberal, extrovertido e heterossexual.

Examinar essas páginas, me fez refletir sobre o processo de narrar a própria vida, utilizando-se de personagens reais, mas ao mesmo tempo fictícios, pois algumas das situações vividas na história figuravam apenas no campo do desejo e em rodas de conversa entre amigos.

Na adultez, a experiência de autoria é recomposta, deixando de lado os diálogos de uma “vida real imaginária”, abrindo espaço para o registro de músicas e poemas, a princípio sobre fé e espiritualidade, motivado pelo universo cristão em que estive inserido dos sete aos dezoito anos. Diferentemente das novelas, as músicas e poemas sempre estiveram guardadas a sete chaves. Pouquíssimas pessoas tinham acesso, e quando tinham, eram textos mais generalistas. Essa fase da vida reconta um “eu secreto”, refém de dogmas e crenças que dificultavam a exposição de sentimentos particulares para os outros.

Os arquivos dessa longa fase foram deletados, após conceber outras formas de pensar sobre fé e espiritualidade, uma visão ampliada para além de dogmas e preceitos de uma denominação religiosa contribuiu na reconstrução de uma identidade sem capas, estimulado pela prática do autoconhecimento e dos estudos em Programação Neurolinguística (PNL).

Essa última fase, mais próxima do “eu atual”, deu início ao processo de se entender e se aceitar homossexual - livre da necessidade de agradar o outro, preocupado antes de tudo em agradar a si, experiência que devo narrar mais à frente, quando dedicar-me a refletir sobre as situações de resiliência no universo da docência.

## FOI AOS 20

*Felipe da Costa Negrão*

Foi aos vinte que aprendi o que é o amor,  
Foi aos vinte que encontrei a liberdade.  
Foi aos vinte que minha vida ganhou cor,  
Foi aos vinte que percebi que maturidade não vem com a idade.

Foi aos vinte que procurei ser feliz,  
Foi aos vinte que busquei a excelência.  
Foi aos vinte que aceitei ser um eterno aprendiz,  
Foi aos vinte que dei valor a convivência.

Foi aos vinte que a vida sorriu pra mim,  
De tal forma que custei acreditar.  
Lentamente vou abrindo as asas pra poder voar,  
Mas é fato, dessa fase não vou esquecer,  
Foi aos vinte que aprendi a ser.

Os vinte anos marcam o início de novos olhares sobre si, dessa vez aberto a entender a própria sexualidade, experienciar novos caminhos e ressignificar outros. O registro de “Foi aos 20” é um marco que guardo como memória afetiva, pois retrata bem os dilemas superados ao alcançar duas décadas de vida. Além disso, demarca a consciência de um novo ciclo que estava prestes a se iniciar, da recuperação da autenticidade ao início da docência universitária.

Narrar o processo histórico de construção de si reafirma um contexto de pensar-se enquanto ser humano antológico, que em sua inteireza repensa questões que circundam sua formação, compreendendo ser responsável pela atribuição de sentido a própria formação, refletindo sobre a própria vida (NÓVOA; FINGER, 2010).

O desconforto inicial pautado na inexperiência de narrar sobre si, abre espaço para a vontade de ver o resultado dessa escrita, ainda que em caráter provisório, pois reconta apenas momentos pontuais de toda uma vida ainda a ser vivida. Por isso, retomo a premissa de que o contar de si é um exercício que deve ser encorajado, principalmente no contexto da educação, visto que, possibilita o refletir sobre a vida em sua essência, embora, seja necessário se despir de fantasmas que assolam a vida adulta, em especial, a vida acadêmica, marcada e manchada por ideais positivistas, binários e sem muito espaço para reflexão.

Meu lugar de fala é a sala de aula, espaço esse que passo e passei boa parte da vida, seja na condição de aluno, seja na condição de professor. É nesse espaço que me sinto confortavelmente desconfortável e é sobre esse lugar que as próximas páginas devem ganhar cor(po).

O lidar com a realidade ainda é severamente desencorajado na vida moderna, sendo esta líquida, e na maioria das vezes, oprimida por uma realidade fabricada em nossos mundos virtuais. A realidade que é para além da dualidade boa ou ruim, nos forja enquanto seres humanos em construção, posto isso, me desprendo de ideais cartesianos e me desafio a refletir sobre mim por meio dos conceitos de ipseidade, resiliência, autoformação e pesquisa-formação.

## A LUPA INVERSA: DANDO VOZ E SENTIDO ÀS SINGULARIDADES

*Me desfaço da vergonha  
E de certezas incertas  
Pois quem olha pra fora, sonha  
E quem olha pra dentro, desperta!  
(Sandy Leah, 2016)*

As diferenças e semelhanças são dualidades que coadunam com a conceitualização de coisas, situações e até pessoas. Contudo, nesse movimento de conhecer-se é natural que evoquemos nossas singularidades com orgulho, uma vez que estas, consolidam uma imagem única de quem realmente somos, ou achamos que somos.

Encontrar e valorizar essas características singulares requer uma ação de introspecção e contato com o mundo interior que deve ser acessado por meio de uma lupa inversa, ao invés de ampliar a visão sobre o outro, amplia-se a leitura de si, das marcas e das narrativas que ecoam na construção do indivíduo enquanto ser único e senhor da própria vida. Assim como os cientistas utilizam uma lupa para enxergar as minúcias dos experimentos, precisamos acionar esse dispositivo interno a fim de encontrar sinais, experiências, vivências e marcas que explicam/explicitam muito do que somos compostos.

Esse contexto faz pensar em ipseidade e a superação da filosofia do eu, quebrando paradigmas, indo ao encontro da filosofia do si, ciente de que a construção da identidade é dinâmica, mutável e que as experiências da vida contribuem em suma para o aprimoramento da forma de ver e ser a vida.

Sperber (2009, p. 12) aduz que a ipseidade:

Corresponde ao poder de um sujeito pensante de ser fiel a seus valores, apesar das mudanças psíquicas e físicas que ocorrem a um indivíduo ao longo de sua vida. Neste sentido, a ipseidade equivale a uma promessa feita a si mesmo – e mantida ao longo da existência

Nesse viés, para incorporar a filosofia do si é necessário conhecer-se. E conhecer-se é uma tarefa árdua que não vem com manuais, nem é conteúdo da escola, infelizmente. A consciência de si, por vezes, advém de um lugar exotópico, em que o outro é meu espelho, refletindo minha imagem



inversamente, posto que só sei quem sou a partir do olhar do outro, isso tão bem explica, a necessidade que temos de compor relações humanas.

## DOIS MUNDOS

*Felipe da Costa Negrão (2014)*

Conheço-me tão pouco,  
E sei que isso é ruim.  
O instinto me governa,  
Conflitos são sem fim.

O caos se instaura conscientemente,  
Refleta minh'alma, pare e pense.  
Em meio à quietude, a sabedoria me atende.  
O mundo lá fora não vai mudar,  
Se aqui dentro permaneço inerte.  
O mundo aqui dentro pode mudar,  
É só questão de me investigar.

O si expresso no poema “dois mundos”, me parece hoje um cenário de conflitos, somatizados a consciência de que mudanças advém de ações, de modo que me recordo que a época da escrita coadunava com uma crise de identidade profissional. O poema também reforça a autorreflexão, o quem sou eu, a identidade em (re)construção, atribuindo sentido aos erros e percalços do caminho.

Sobre isso, Larrosa (2002, p.76) diz que:

O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar da mesma maneira que um artista quando cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo.

As singularidades transcritas nesse capítulo, me direcionam a me definir como alguém que tem buscado ser melhor diariamente, embora este conceito também carregue inúmeras interpretações.

Um si carregado de histórias, de uma vida de desafios, muitos deles no campo mental, posto que as confusões sobre o direcionamento dos sentimentos sempre contribuíram para o avançar da inibição. A timidez é outra

característica singular que carrego comigo, hoje já a controlo, de modo que não mais interfere em conquistas e realizações pessoais, entretanto, é um exercício diário de autoconhecimento, tomando ciência de que tudo bem ser tímido, desde que isso não me engesse e me coloque em posições contrárias ao que almejo, seja no campo profissional ou pessoal.

Os medos, necessidades e expectativas também compõe o universo da ipseidade, visto que determinam o nosso projeto de vida. Em particular, os medos não me governam e nem me aprisionam, mas impactam diretamente nos direcionamentos e tomadas de decisões frente a situações conflituosas.

Além disso, é importante dar espaço aos erros, posto que a errância pode ser nossa melhor parceria. Quando ouvi essa expressão durante as aulas da disciplina, me conectei aos pressupostos da Programação Neurolinguística (PNL), em especial, ao que diz que “não há erros ou fracassos, tudo é feedback”. A decisão de como encarar os erros é fator basilar para os próximos passos que damos, por isso, até hoje tenho esse princípio quase que como um mantra, não para justificar tropeços, mas para ressignificar e não atribuir tanto peso a uma situação que as vezes não poderia ser evitada, ou que ao acontecer, oportuniza muitas aprendizagens.

A construção de si também perpassa a consciência das mudanças constantes da rota da vida, óbvio que temos em nós um projeto de vida, e sobretudo, corremos diariamente para a concretização de cada sonho e desejo, mas a ipseidade que há em nós, nos ajuda a superar o conceito de mesmidade, reforçando nossas singularidades em prol do autoconhecimento, desenvolvendo uma alteridade sobre as coisas vividas e as que ainda serão vividas.

## **O EXERCÍCIO DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA: A GUERRA RESSIGNIFICADA EM RISO**

*Quem se soltar, da vida vai gostar  
E a vida vai gostar de volta em dobro.  
E se tropeçar do chão não vai passar  
Quem sete vezes cai, levanta oito.  
(Tiago Iorc, 2013)*

O exercício da resiliência requer resistência, exige se indignar com a realidade e dar novos sentidos para as experiências. Mas como não expor uma imagem de perfeição? Ser resiliente não significa estar sempre

bem com os problemas e situações conflituosas, pelo contrário, é entender que estas fazem parte da composição da vida, e precisam ser problematizadas, a fim de trazer novos sentidos e significados para si. Aceitando a rota e aprendendo com ela.

Aprender a falar sobre suas vulnerabilidades é um exercício que entendo como instrumento de encorajamento para outros. No âmbito profissional, é comum que nós professores sejamos enquadrados em um perfil que nunca erra. Mas, dos bastidores da docência só nós e uns poucos sabem que nem tudo são flores e acertos. E tudo bem!

O sentir-se professor é diferente do estar ou ser professor. É o algo a mais da docência que nos encoraja a prosseguir na profissão, cientes de que há uma missão presente em nosso projeto de vida que nos enche de gás e força para enfrentar as situações adversas com autonomia, responsabilidade, sabedoria e maturidade.

Antes da iniciação à docência universitária, passei pelo processo de aceitação da sexualidade, me conhecendo e enfrentando os dilemas de cunho religioso com muito estudo, afinal as raízes cristãs são ainda muito fortes em meu seio familiar.

## RESSIGNIFIC[AÇÕES]

*Felipe da Costa Negrão (2016)*

Sou diferente, eu sei!  
Não preciso ter medo,  
Por tanto tempo esconder-me era lei,  
Até que cansei, expus meu segredo.

Doeu, sangrou, martirizou,  
Mas agora estou bem.  
Moeu, acabou, desabrochou,  
Não sou mais meu refém.

Peito estufado, cabeça erguida,  
Me olham torto ainda,  
Mas só eu sei da morte que era não ter vida,  
Finda que a vinda desse colapso foi linda.

Ainda vou me descobrir mais,  
Sei que os caminhos ainda não são de paz.  
Estou protegido contra os vendavais,  
Pondero-me a sorri uma vez mais.

A poesia “ressignificações” é um retrato do processo de aceitação da própria sexualidade, cuja descrição será compartilhada nessa seção com o intuito de encorajamento para outros/as que vivenciam situações similares.

Me recordo que no início do ano de 2015, já com a certeza que o semestre se iniciaria em um novo ambiente de trabalho, dessa vez com adultos, no curso de formação de professores, comecei a me inquietar em relação aos meus sentimentos. Em minha concepção, era inapropriado iniciar um processo de formar outros professores sem ser sincero comigo mesmo. No fundo, havia aquele receio de ser “retirado” do armário a força, por algum aluno ou até mesmo colega de trabalho. Em início de ciclos, a gente não sabe muito o que espera, mas os pensamentos extrapolam a cota de possibilidades.

Por isso, redigi uma carta aos meus pais - a escrita mais uma vez se apresenta em momentos especiais da vida, e eu só tomei nota disso após a construção desse capítulo - A carta fazia um retrospecto de minhas experiências anteriores, traumas da infância e a difícil sequência de frases que afirmavam aquilo que já sabiam, mas que não queriam escutar. Dito isso, o fardo cai, mas as feridas se estancam com o tempo. É importante encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo, mas também deixar claro que cada um tem o seu tempo, o meu foi aos 20, mas outros o fazem mais cedo, ou mais tarde. O importante é que o façam e sejam felizes, dentro do conceito de felicidade que cada um tem. O meu estava e está atrelado à autenticidade.

O abrir-se para o mundo nesse sentido me (e)levou para o enfrentamento de situações na condição de formador. Durante a disciplina de Ludicidade e Processos Pedagógicos do curso de Pedagogia, dei um jeito de encaixar uma aula sobre diversidade em todas as minhas três turmas. Foi uma decisão assertiva, mas que mexeu com lembranças de outras pessoas.

Nessa semana, abordei o(s) conceito(s) da orientação sexual, identidade de gênero e diversidade em sua essência, além de trazer outros pontos pro debate, tais como o espaço da mulher no século XXI e intolerância religiosa. Foi uma aula “pesada”, porque adentrei à sala munido de

“plaquinhas” para colar na lousa com expressões preconceituosas e aos poucos íamos conversando sobre cada uma delas. Em silêncio, eu pregava cada placa, ao som de uma turma em polvorosa, não entendendo o que se tratava tudo aquilo.

A aula foi correndo e nós íamos nos entendendo, ao menos, o ambiente em si estava propício para o aprendizado, em que muitos sentiam-se à vontade para tecer perguntas preconceituosas, mas abertos para possíveis correções no discurso e na forma de pensar sobre a diversidade. Em uma das aulas, acredito que tenha sido na turma de sexta-feira, a última a receber a aula “polêmica”, como eles mesmos chamavam, uma aluna no início do processo transexualizador pediu a palavra para agradecer, pois estava cansada de ouvir insultos de alguns colegas, reforçando um discurso de que as crianças, seus futuros alunos, teriam dificuldade em assimilar se ela era professora ou professor. Pois, como contei, havia semanas em que tínhamos o Ricardo<sup>2</sup> na sala, e em outras a Britany. Aquilo me tocou muito, pois após os agradecimentos, a aluna proferiu que via em mim a esperança da docência, pois eu sendo gay, tinha conseguido ingressar no mercado de trabalho, embora ainda arraigados daquela ilusão de que a docência no ensino superior é mais fácil que qualquer outra para nós que somos da Pedagogia.

A partir dessa aula, percebi que a docência era muito mais do que ministrar conteúdos, organizar e corrigir avaliações. O peso das palavras que eram ditas por mim, poderiam virar lei na cabeça de muitos estudantes, assim como poderiam ser gatilhos para desencadear profundas aversões ao universo profissional. Logo, é muita responsabilidade ser professor. Sentir-se professor é também ser sabedor dessa responsabilidade e fazer jus a ela, cuidando primeiro de si, para então oportunizar aprendizagens aos outros, em um movimento de autoformação em que Pineau (2010) aduz que seja aprender com o próprio percurso.

O encorajar-se através da história narrada pelo outro é um exercício bem significativo, embora dependa da forma como o outro vai contar sobre si, os destaques que fará e a forma como vai comunicar aos ouvintes.

---

2 Nome fictício.

## O OLHAR PRA SI EM AÇÃO: REFLEXOS DA AUTOFORMAÇÃO

*Espelho,  
Espelho meu,  
Será que sou eu,  
Aí do outro lado?  
(Felipe Negrão, 2016)*

O que me diz o reflexo do espelho? Pensar sobre isso é um convite a revisitar-se, introspectivamente, notar as projeções e os resultados que as experiências têm oportunizado aos cenários de aprendizado em que estamos inseridos.

Narrar nossa história contribui para o processo de autoformação, pois ao contar, me disponho a pensar sobre o que fiz, as ações que tomei, exercitando a autocrítica, avaliando-me com base em critérios definidos por mim mesmo. A constituição de si se dá pela reflexão das minhas atitudes e ações mediante aos contextos que estou inserido. Pensar sobre a própria autoformação é essencial para nós que somos professores, assumindo uma postura de incompletude, e refletir nos ajuda a manter acesa a concepção de que ao formar outros, nos formamos, ao ensinar também aprendemos (FREIRE, 1997).

Por vezes, a profissão docente é uma profissão silenciosa. Muito fazemos, mas pouco comunicamos, seja através de conversas informais, seja pelo registro técnico de um relatório ou participação em evento científico. Esse texto também é um convite para narrar mais, pois falar de si pode ser um instrumento de formação para outros, e para si próprio.

Expressar como é o sentir-se professor pode contribuir para muitos estudantes em formação que almejam à docência, mas ainda possuem uma visão reducionista sobre a mesma. Por isso, é essencial que tenhamos a prática de contar sobre si, tendo a intencionalidade de formar e autoformar-se.

Nos últimos meses, a pandemia da COVID-19 nos deixou desconectados de nossos colegas, as relações humanas passaram a ser intermediadas por tecnologias, houve um processo de reaprendizado coletivo, contudo cada um em seu quadrado. As casas se tornaram espaço de trabalho e assim, temos enfrentado o isolamento social. Sobre o compartilhamento de si, da prática profissional e da docência em sua essência, durante o período de isolamento, as lives invadiram todas as redes sociais, de modo que diariamente existe alguém discutindo sobre algo interessante (ou não) através

das mídias. Nesse movimento, iniciei uma série no *Instagram* intitulada “Bastidores da docência”, com o objetivo de compartilhar situações inusitadas do universo do magistério, aproximando professores e alunos do cenário para além do reflexo do espelho.

A série foi exitosa, os colegas convidados retrataram experiências diferenciadas, que por vezes, não são contadas em sala de aula, devido a inúmeros fatores que impedem esse tipo de abordagem no contexto da dinamicidade dos cursos de graduação. A ideia de acessar os bastidores da profissão professor foi motivado por ouvir há muito tempo uma visão romantizada da docência, nesse sentido, trazer à tona tais discussões, apresenta ao aluno outras realidades e visões que podem agregar muito conhecimento ao seu processo formativo.

As leituras sobre autoformação contribuem para a autoanálise sobre os meios que tenho investigado, especialmente sobre formação de professores e metodologias de ensino. Como a autoformação pode auxiliar na melhoria dessas investigações? Trazendo humanidade, perspectivas de quem já as viveu, para além de relatos, e sim reflexões sobre essas experiências.

Na visão de Dominicé (2006, p. 350) “a formação pode intervir como retomada do curso da vida”, logo a autoformação direciona ao indivíduo a reflexão de si próprio, em um processo de auto-observação com vistas ao alargamento de capacidades de autonomia, iniciativa e criatividade. Sendo assim, autoformar-se é vivenciar experiências singulares e coletivas, projetando-se frente a novas possibilidades de ser, conhecer, conviver e dialogar com o que somos e o que queremos ser.

A respeito da epígrafe dessa seção, o que miro ao ver no espelho a projeção de mim mesmo? O que tenho achado ser eu? Até então, alguém em profunda reconstrução de si e da própria docência, desvelando novos caminhos (auto)biográficos, apreendendo a se colocar no texto e na vida, não apenas como sujeito, mas enquanto agente ator-autor da própria história.

## EU, CIENTISTA DE MIM: PESQUISA-FORMAÇÃO E CAMINHOS FUTUROS

*Nada a temer senão o correr da luta  
Nada a fazer senão esquecer o medo,  
Abrir o peito a força, numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura  
Longe se vai, sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir o que me faz sentir  
Eu, caçador de mim  
(Milton Nascimento, 1981)*

A pesquisa-formação resulta na reflexão sobre a própria narrativa e a dos outros, em uma perspectiva de autoavaliação, autocrítica e autoanálise (JOSSO, 2004), pois as experiências são fontes originais de todos os que narram, sendo construídas e socializadas através do cotidiano (BENJAMIN, 1993).

Moita (1992, p.114) contribui ao afirmar que:

Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com os seus contextos.

O dialogar consigo e com os outros é ponto importante na estruturação de uma pesquisa-formação, pois no diálogo reside as ligações entre ideias e pensamentos, sejam singulares ou plurais. No campo da educação, pensar sob o viés da dialogicidade é via de regra para alcançar resultados exitosos no processo de ensino e aprendizagem.

Caminho para o fechamento desse texto, mas a narrativa não se encerra, visto que dia após dia, novos caminhos se entrecruzam e formam uma teia de aprendizagens que constroem possibilidades de viver e ser-no-mundo. Nesse sentido, entendo e assumo o compromisso de registrar meus passos, evidenciando um exercício reflexivo e auto avaliativo de minhas práticas a fim de aprender com elas, pois é muito mais do que narrar um episódio de uma história real, é refletir sobre cada cena, entendendo-se enquanto protagonista da própria vida, sendo sujeito ator-autor da própria história,



enfrentando os medos, vivenciando desafios, possibilidades, sendo fiel a si, autêntico e aberto aos movimentos de autocrítica a fim de crescer em auto-conhecimento e gerenciamento de si.

Os caminhos futuros se apresentam com a intencionalidade de perpetuar as discussões e experiências sobre pesquisa narrativa, (auto) biográfica, auto-formação, resiliência e ipseidade a outras pessoas, incentivando-as para a produção de memórias, registros orais e escritos, enfatizando o rompimento do antigo paradigma da ciência positivista, respeitando os adeptos e as experiências exitosas anteriores, mas abrindo espaço para um novo mundo da escrita de si.

Ao me revisitar, bato na porta do meu “eu interior” e descubro que a prática de narrar esteve presente em inúmeras situações da vida, resgatada da penumbra por meio da disciplina “Contributos da abordagem (auto)biográfica para a pesquisa-formação” do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). De modo que, tal disciplina ascendeu possibilidades de ressignificação da própria prática profissional e sobre a própria vida, em sua inteireza.

As considerações se encaminham para o fim, do mesmo jeito que marcam o início de uma aventura em solo desconhecido, mas muito instigador, que motiva a busca incessante pelo aprender a narrar, a fim de dominar técnicas de observação de si e dos outros, mas também de ser mais humano, feliz, realizado e fiel ao projeto de vida que também reaprendi a enxergar com mais apreço.

O eu, cientista de mim é o resultado de mutações e metamorfoses que se projetam no âmbito da pesquisa-formação, pois ao descrever cada seção desse manuscrito, fui conduzido a refletir sobre as narrativas, as memórias, as literaturas que contribuíram para endossar as discussões, e posso pensar que cheguei em um lugar de desconforto confortável, no sentido de que é muito interessante o movimento de se ouvir e refletir sobre o que ouço de minhas memórias, atribuindo novos sentidos e transformando-me em uma pessoa melhor, primeiro para mim, depois para os outros.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos [online]**, v. 9, n.19, pp.283-302, 2003.

DOMINICÉ, Pierre. A formação de Adultos confrontada pelo imperativo biográfico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, p.345-357, maio/ago, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. 2.ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

MONTEAGUDO, José González. As histórias de vida em educação: entre formação, pesquisa e testemunho. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Memória, (auto) biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1992.

NEGRÃO, Felipe da Costa. Narrativas (auto)biográficas da docência em tempos de Ensino Remoto Emergencial. In: CARDOSO, João Victor Figueiredo et al. (Orgs.). **Ensino de Graduação em tempos de pandemia**: Experiências e oportunidades para uma Educação Tecnológica na Universidade Federal do Amazonas. Manaus: EDUA, 2021, p. 91-100.

NÓVOA, Antonio.; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a Formação**. Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 97-118.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SPERBER, Suzi Frankl. O diálogo entre mesmidade (identidade genética) e a ipseidade, responsável pela ética – ou, de uma alteridade constitutiva da responsabilidade na relação Eu-Tu. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 15, p. 5-15, 2009.